

Religião, gênero e sexualidade [Resenha]

Religion, gender, and sexuality [Book review] Religión, género y sexualidad [Reseña del libro]

Maria das Dores Campos Machado

Resumo

Resenha do Livro Shipley, Heather. *Globalized Religion and Sexual Identity: Contexts, Contestations, Voices*, Boston, Brill Academic Press, 2014: .319 p. ISBN :978-90-04-26956-9.

Abstract

Book review of Shipley, Heather. *Globalized Religion and Sexual Identity: Contexts, Contestations, Voices*, Boston, Brill Academic Press, 2014: .319 p. ISBN :978-90-04-26956-9.

Resumen

Reseña del libro Shipley, Heather. *Globalized Religion and Sexual Identity: Contexts, Contestations, Voices*, Boston, Brill Academic Press, 2014: .319 p. ISBN :978-90-04-26956-9.

As últimas décadas foram marcadas pela crescente mobilização das minorias sexuais em escala global, mas ainda hoje os homossexuais podem ser punidos com a morte, prisão e castigos corporais em várias sociedades nacionais. A maioria dessas sociedades encontra-se no Oriente Médio e na África e são muçulmanas, como a Arábia Saudita, Irã, Iraque, Emirados Árabes Unidos etc. O processo de transnacionalização de religiões cristãs também parece dificultar a luta pela mudança da valoração social e legal dos homossexuais em países africanos, onde políticos, estimulados por missionários evangélicos oriundos dos Estados Unidos, vem apresentando, como no caso da Uganda, propostas de leis na contramão do movimento gay.

Mesmo nas sociedades ocidentais, onde o fortalecimento do ideário dos direitos humanos favorece a luta contra a discriminação com base na orientação sexual, o ritmo das mudanças culturais e legais tem se mostrado bastante diferenciado nas nações, em função, entre outras coisas, da capacidade de influência dos grupos religiosos na esfera pública. Assim, países como Argentina, Espanha, Portugal, Inglaterra, França, etc. realizaram mudanças nos seus respectivos ordenamentos jurídicos, com o objetivo de estender aos setores homossexuais direitos já reconhecidos aos heterossexuais. Em outras

sociedades, como o Brasil e os Estados Unidos da América, a força política dos segmentos cristãos conservadores- evangélicos e católicos - acaba por impor uma outra dinâmica na luta pelos direitos sexuais.

O livro *Globalized Religion and Sexual Identity: Contexts, Contestations, Voices*, lançado em abril de 2014 pela Brill Academic Press, nos oferece uma visão panorâmica das controvérsias entre diferentes grupos religiosos e os movimentos sociais que buscam mudar as hierarquias de gênero, bem como as formas de valoração social das múltiplas orientações sexuais na contemporaneidade. O livro reúne contribuições de vinte e dois pesquisadores com formação acadêmica em diferentes campos - sociologia, psicologia, direito, filosofia, linguística, ciência política e economia – e investigações científicas em distintas sociedades nacionais - Estados Unidos, Canadá, Brasil, Alemanha, Reino Unido, Hong Kong, China – resultando em um amplo painel das tensas relações das religiões com a sexualidade humana na contemporaneidade.

A obra é composta por quatorze capítulos e traz uma introdução escrita pela editora *Heather Shipley*, autora também da conclusão. Os capítulos estão distribuídos em três seções temáticas intituladas: Contextos, Contestações e Vozes. Na primeira encontram-se os capítulos que se dedicam mais profundamente ao debate teórico contemporâneo sobre as identidades – sexuais e religiosas - e o desenvolvimento das políticas sexuais a partir de estudos de casos nos Estados Unidos, Hong-Kong, Canadá e Alemanha. Uma excelente revisão das teorias sociológicas mais utilizadas nas análises da ascensão do ativismo religioso de direita nos Estados Unidos é apresentada por *Rebecca Barret-Fox*, no Capítulo 1, e abre o caminho para as demais contribuições do livro, ainda que as perspectivas teóricas dos estudiosos sejam bastante diferenciadas.

Chiu Man-chung (capítulo 2), por exemplo, articula o pensamento de *Zizek* com a filosofia budista para analisar as implicações que a decisão tomada, em 2013, pela Corte de Apelação Final de Hong Kong de reconhecer como legítimo o casamento de transexuais, teria para a ampliação dos direitos desses sujeitos sociais. Na visão deste analista, o fato de as definições legais daquela corte sobre os transexuais não levarem em conta a instabilidade das identidades de gênero acabou por restringir as consequências do julgamento aos integrantes daquela sociedade.

Já *Kate Power* (capítulo 3) lança mão das análises de discurso para mostrar como os cristãos do meio rural canadense contextualizam no seu dia a dia os valores religiosos relacionados à sexualidade humana. As entrevistas e os grupos de discussão realizados junto a este público rural revelam uma diversidade de opiniões e atitudes em relação à temática do casamento entre pessoas do mesmo sexo, bem como respostas diferenciadas das igrejas

cristãs às demandas pelo fim da discriminação com base na orientação sexual naquela sociedade.

Amélie Barras e Dia Dabby (capítulo 4) retomam o debate teórico sobre a laicidade e o desenvolvimento do secularismo para explicar como se dá a construção do que é religiosamente aceitável e como esta construção pode se transformar ao longo do tempo em função das circunstâncias políticas. Contextualizando os discursos religiosos e culturais sobre as intervenções nos corpos humanos, Barras e Dabby chamam a atenção para a mediação de gênero nas formulações discursivas e as consequências deste fenômeno para os homens e mulheres. Enquanto no discurso ocidental predominante, a “circuncisão feminina” é apresentada como uma prática cultural não aceitável que deveria ser combatida no mundo todo, a circuncisão masculina foi socialmente construída como uma “prática religiosamente aceitável”, favorecendo a continuidade desta prática de gênero, ainda que justificada em novas bases, em algumas sociedades deste continente.

A seção denominada Contestações é composta por cinco capítulos sobre as formas de regulação das identidades religiosas e sexuais por parte tanto de Estados nacionais - Estados Unidos, Brasil, China e Reino Unido – como de grupos religiosos na contemporaneidade. Janet Jakobsen e Ann Pellegrini (capítulo 5) iniciam esta seção com uma instigante análise da política da sexualidade na sociedade norte-americana, relacionando as questões sexuais e de gênero com a política neoliberal dos últimos anos. Para enfrentar as complexas relações da religião com a política naquela configuração nacional, as autoras revisitam as teses de Bellah, discutem com muita propriedade a ênfase cada vez maior na responsabilidade do indivíduo nos discursos de Barack Obama e conseguem lançar novas luzes no fenômeno do secularismo cristão que marca aquela sociedade. Uma conclusão importante deste capítulo é a de que os direitos das minorias sexuais estariam “sendo incorporados numa política privatista em que a sexualidade fornece os meios de distribuição de riqueza e serviços através do mecanismo do casamento”.

Ana Cristina Leal Moreira Lima, Vera Helena Ferraz de Siqueira e Márcia de Bastos de Sá (capítulo 6) apresentam uma análise interessante das questões de gênero e sexualidade em uma escola técnica brasileira e sugerem que novas formas de discriminação podem ser criadas quando as instituições educacionais implementam a política pública de inclusão do tema da diversidade sexual nos seus espaços físicos e nos conteúdos escolares. No estudo de caso realizado, a criação de uma área física específica dentro do espaço escolar para a manifestação das identidades sexuais acaba por transformar os jovens, a quem a política institucional pretendia beneficiar, em *outsiders* em relação aos demais estudantes da escola.

No capítulo 7, Riva Lieflander retoma as teses clássicas de Weber e Troeltch sobre a estrutura organizacional e o sistema de autoridade dos grupos religiosos, assim como os conceitos de comunidade e sociedade de Nisbet para explicar as atuais controvérsias nas comunidades anglicanas sobre a sexualidade humana. Na visão da socióloga, o intenso conflito no interior das Comunidades Anglicanas em torno da homossexualidade e, mais especificamente do papel eclesiástico dos gays e lésbicas, advém do fato de que este debate expressa uma nova fratura naquela tradição religiosa e tem sido usado para desafiar a organização das Igrejas Anglicanas tanto no plano nacional como mundial.

Shun Hing Chan e Ping Huang (capítulo 8) mostram como o processo de transnacionalização das denominações evangélicas tem influenciado não só o campo religioso, mas também a esfera da sexualidade na China. Neste sentido, os autores analisam as consequências nefastas para o movimento pela diversidade sexual da difusão nos meios de comunicação nacionais das atitudes discriminatórias de uma celebridade cristã, Lu Liping, em relação aos homossexuais. Na interpretação apresentada, as representações negativas e as atitudes hostis em relação aos homossexuais por parte dos chineses convertidos ao evangelismo têm fortalecido a retórica anti-gay na mídia, dificultando o trabalho das organizações de apoio aos homossexuais cristãos naquele país.

O capítulo 9, escrito por Stephen Hunt, examina o impacto das políticas sexuais implementadas no Reino Unido nas igrejas cristãs e sugere o desenvolvimento de duas tendências conflitantes. A primeira se refere à entrada na arena pública de segmentos das denominações conservadoras com o objetivo de contestar os direitos sexuais que estão sendo conquistados pelas minorias que se mobilizam a partir da identidade sexual ou de gênero. Já a segunda, bem menos perceptível do que a anterior, expressa a reconfiguração de alguns grupos cristãos que modificam as atitudes em relação aos homossexuais e validam os avanços dos direitos sexuais. De acordo com o sociólogo, algumas iniciativas neste campo parecem mais progressistas do que as propostas jurídicas que visam ampliar as prerrogativas dos homossexuais no Reino Unido e revelam uma vez mais o caráter ambivalente da religião, que pode servir tanto para legitimar como para transformar as relações de poder na sociedade.

A última seção, intitulada *Vozes*, é constituída por cinco capítulos que apresentam os resultados de investigações conduzidas em configurações políticas que inspiraram as reflexões das seções anteriores: o Brasil, Canadá e Reino Unido. O primeiro trabalho é o de Nina Rosas e Cristina Maria de Castro (capítulo 10) e examina de forma criteriosa as mudanças e as continuidades nas relações de gênero e na percepção da homossexualidade em

uma comunidade evangélica carismática de Belo Horizonte: a Igreja Batista da Lagoinha. Discutindo o processo de construção de uma importante liderança feminina, a pastora Ana Valadão, este artigo traz uma contribuição importante para o debate sobre a participação de religiosos nas controvérsias em torno da homossexualidade em nosso país, mostrando que revisões no sistema de autoridade das denominações, com a maior participação feminina em cargos eclesiásticos, não provocam necessariamente mudanças nas opiniões e atitudes discriminatórias em relação às demandas dos movimentos de gays e lésbicas.

As manifestações públicas de atores religiosos contra os direitos sexuais e as políticas igualitárias reaparecem no capítulo 11, escrito por Anna Strhan, sobre a utilização dos meios de comunicação pelos evangélicos em recentes controvérsias sobre a diversidade sexual no Reino Unido. Os cartazes espalhados em 2012 nos ônibus urbanos de Londres com dizeres hostis aos gays servem de ponto de partida para uma interessante análise de como segmentos evangélicos vêm sendo estimulados pelas lideranças conservadoras a defender na esfera pública seus valores religiosos e expor suas objeções às políticas de equidade no campo da sexualidade, contrariando as teses de que a pluralização do espaço social provocaria a tendência da privatização religiosa.

Religião, racismo, colonialismo e sexualidade são dimensões que se entrecruzam no interessante capítulo 12, onde Nesochi Chinwuba analisa as construções discursivas e as atitudes de homossexuais masculinos africanos que migraram para o Canadá. Baseada em entrevistas, a reflexão apresentada por Chinwuba indica que os discursos homofóbicos de setores religiosos e as políticas discriminatórias propostas por políticos no continente africano têm implicações sérias na vida dos migrantes gays que vivem na cidade de Ottawa, dificultando o processo de assunção da homossexualidade em suas respectivas comunidades culturais.

Heather Shipley e Pamela Dickey Young apresentam, no capítulo 13, os resultados de investigações quantitativas, realizadas também no Canadá, sobre os valores e as atitudes no campo da sexualidade dos jovens que se encontram na faixa etária entre 18 e 25 anos. Segundo as autoras, embora a religião seja uma dimensão importante nas experiências e perspectivas dos jovens, existem múltiplas formas de se interpretar, vivenciar e integrar as identidades religiosas e sexuais. E este fenômeno expressa a capacidade dos jovens de selecionar os ensinamentos religiosos que podem ser articulados aos valores de sistemas de valores mais contemporâneos como o do feminismo e dos movimentos sociais que questionam a heteronormatividade.

O recorte na juventude também aparece no capítulo 14 que foi redigido por Yvette Taylor e Ria Snowdon. Neste capítulo, porém, a investigação tem caráter qualitativo e se restringe aos jovens com as identidades queer e

religiosa no Reino Unido. A dificuldade encontrada pelas pesquisadoras na montagem da amostra foi o primeiro sinal da tensão entre as identidades sexuais e religiosas dos jovens queer que dependendo do contexto acionam uma ou outra dessas identidades. Usando distintas técnicas de pesquisa – entrevistas, leituras de diários, análise de desenhos dos integrantes da amostra etc. – Taylor e Snowden puderam constatar, entretanto, que a troca de informações e o conhecimento das trajetórias de pessoas com identidades queer com vivência religiosa podem fortalecer a autoestima e fazer com que estes jovens busquem novas maneiras de viver estas identidades. Isto talvez explique a própria tensão vivida pelas pesquisadoras quando aqueles que integravam a sua amostra se revelaram insatisfeitos com a proposta de anonimato que reforçava a sensação de invisibilidade do grupo.

Como o leitor pode ver, trata-se de um livro relevante e bem oportuno. Espero que sua leitura possa ajudar a ampliar o debate sobre as complexas relações da religião com as outras esferas da vida social em nosso país.